

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

ELLEN LUIZA DE LIRA SILVA RIBEIRO
ISABELLY ESTER MIRANDA DA HORA
MARIA HELENA DA SILVA VALENTIM
NICOLE TAMY MATTOS MARIANO
YASMIN DO NASCIMENTO MENDES

Trabalho em grupo – Gerontologia Social

Recife-PE

2025

Resumo das ideias centrais das autoras Simone de Beauvoir, Solange Teixeira e Alexandra Mustafá.

- **Resumo de A Velhice – Simone de Beauvoir**

Na obra *A Velhice* (*La Vieillesse*, 1990), Simone de Beauvoir investiga o envelhecimento como um aspecto social, cultural e existencial. O livro questiona o modo como a sociedade trata os idosos, ressaltando a exclusão e a invisibilidade a que são submetidos.

Beauvoir defende que a velhice não se limita a uma condição biológica, mas é também um produto da organização social. Em muitas culturas, os idosos são vistos como um peso e frequentemente afastados do mercado de trabalho e do convívio social. A filósofa critica o modo como o sistema capitalista agrava essa exclusão, pois estabelece a produtividade como um fator determinante para o valor do indivíduo.

A autora também aborda a maneira como as pessoas lidam com o próprio envelhecimento. Para muitos, a chegada da velhice é inesperada, uma vez que a sociedade tende a negligenciá-la até que se torne inevitável. Existe um contraste entre a imagem que a pessoa tem de si mesma e a forma como passa a ser percebida pelos outros.

Beauvoir faz uma análise histórica sobre a forma como os idosos foram tratados em diferentes períodos e sociedades. Ela compara contextos em que eram respeitados e reconhecidos por sua sabedoria com outros em que foram marginalizados. No mundo moderno, a situação dos mais velhos se agravou com a industrialização e a urbanização, que fragilizaram os laços comunitários.

Além disso, a filósofa examina as condições materiais da velhice, discutindo questões como miséria, abandono e institucionalização dos idosos. Ela denuncia a carência de políticas públicas eficazes e destaca a necessidade de transformações estruturais que garantam uma existência digna para essa parcela da população.

A partir da perspectiva existencialista, Beauvoir reflete sobre a consciência da finitude e o temor da morte. Ela critica a hipocrisia social, que trata a velhice como algo a ser ocultado, como se fosse vergonhoso. Para a autora, o envelhecimento deve ser encarado de forma lúcida, e os idosos precisam ter assegurada a possibilidade de seguir participando ativamente da sociedade.

A Velhice é uma obra essencial para entender a exclusão dos idosos e questionar os valores que sustentam essa marginalização. Beauvoir argumenta que

a experiência e o conhecimento dos mais velhos devem ser reconhecidos e valorizados, ao invés de serem ignorados. Seu livro convida à reflexão e à ação para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as idades.

- **Relação do texto com experiência pessoal**

O livro critica a forma como a sociedade trata os idosos, evidenciando a exclusão e a invisibilidade a que são submetidos.

Beauvoir argumenta que a velhice não é apenas uma condição biológica, mas também um reflexo da organização social. Em muitas sociedades, os idosos são vistos como um fardo e, muitas vezes, afastados do mercado de trabalho e do convívio social. Essa realidade pode ser observada na minha experiência enquanto estudante de Serviço Social durante vivências dentro e fora do espaço acadêmico.

Durante o período que fui bolsista no NAI (Núcleo de Atenção ao Idoso), pude perceber como os idosos enfrentam desafios semelhantes aos apontados por Beauvoir. Muitos dos usuários do NAI expressavam sentimentos de abandono, invisibilidade e falta de propósito. Relatos sobre o afastamento da família e a dificuldade em serem ouvidos eram recorrentes. Assim como Beauvoir denuncia em sua obra, o sistema atual tende a descartar aqueles que não são mais considerados produtivos, reforçando sua marginalização.

No entanto, a convivência diária com os idosos no NAI também revelou que, quando lhes é dada a oportunidade, eles demonstram grande capacidade de interação, aprendizado e troca de experiências. Muitos dos idosos tinham histórias de vida ricas e sabedoria acumulada, mas se sentem pouco valorizados pela sociedade, percebi a importância do fortalecimento de políticas públicas e de espaços de convivência que permitam a participação ativa dos idosos, indo ao encontro da crítica de Beauvoir sobre a necessidade de mudanças estruturais para garantir dignidade na velhice.

Além disso, observei que a sociedade ainda evita discutir o envelhecimento de forma aberta. Muitos idosos do NAI relataram que, antes de chegarem à instituição, pouco refletiam sobre a velhice ou sobre os desafios que enfrentam. Isso reforça a ideia de que o envelhecimento é frequentemente ignorado até que se torne uma realidade inescapável.

A experiência no NAI me fez refletir sobre o impacto do Serviço Social na vida dos idosos. O trabalho desenvolvido no núcleo demonstrou como ações voltadas ao

fortalecimento da autonomia, do bem-estar e da participação dos idosos na sociedade podem contribuir para minimizar os efeitos da exclusão social. Mais do que assistência, o que muitos deles precisavam era serem ouvidos, valorizados e incluídos.

Concluo que a crítica de Beauvoir continua extremamente atual. O envelhecimento precisa ser encarado não como um problema, mas como uma fase natural da vida que deve ser vivida com dignidade e respeito. Minhas vivências reforçaram a necessidade de mudança na forma como a sociedade trata os idosos, promovendo espaços que incentivem sua participação ativa e garantindo direitos que assegurem uma velhice mais justa e inclusiva.

- **Resumo - Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: implicações para a proteção social no Brasil. – Solange Teixeira**

No capítulo "Luta de Classes e o Estado Social: A Velhice como Vulnerabilidade Social e de Responsabilidade Pública" do livro Envelhecimento e Trabalho no Tempo de Capital de Solange Teixeira, a autora realiza uma análise aprofundada sobre as condições de vida da população idosa dentro da sociedade capitalista, abordando as intersecções entre a velhice, as desigualdades sociais e a responsabilidade do Estado.

1. Velhice e Vulnerabilidade Social: Teixeira aponta que a velhice, ao ser marcada pela aposentadoria e pelo afastamento do mercado de trabalho, coloca os idosos em uma situação de vulnerabilidade. A transição para a velhice, especialmente em um sistema capitalista, tende a expor os idosos à marginalização, à pobreza e à exclusão social. Isso ocorre porque, em uma sociedade que valoriza a produção e o trabalho assalariado, o idoso, que muitas vezes não participa ativamente da força de trabalho, é visto como um “peso” ou como alguém que não mais contribui para o sistema produtivo. Além disso, a autora destaca que a velhice não é uma categoria homogênea. A vulnerabilidade de um idoso não depende apenas da idade, mas também de fatores como classe social, gênero, etnia e acesso a recursos. Assim, os idosos em situação de maior vulnerabilidade são aqueles que pertencem às classes sociais mais baixas, que muitas vezes têm aposentadorias menores ou nem têm direito à aposentadoria, dependem de políticas públicas que não cobrem suas necessidades ou vivem em condições precárias.

2. O Estado Social e a Responsabilidade Pública: Teixeira critica as falhas do Estado no cuidado da população idosa, especialmente em um contexto neoliberal. Em um modelo que prioriza a redução do papel do Estado e a responsabilização do indivíduo, as políticas públicas voltadas para a população idosa tornam-se cada vez mais insuficientes. A autora argumenta que o Estado deveria ser o principal responsável por garantir uma rede de proteção e assistência social para os idosos, mas observa que, frequentemente, o que ocorre é uma escassez de políticas públicas efetivas que atendam às reais necessidades dessa população. A responsabilização pública também é uma crítica central do capítulo. Teixeira questiona como o Estado falha ao tratar os idosos apenas como "passivos" ou "assistidos", quando, na verdade, eles continuam a ser sujeitos de direitos. A autora sugere que é essencial um modelo de Estado social que reconheça os idosos não apenas como um público-alvo de políticas assistenciais, mas também como parte ativa da sociedade, que deve ser inserida nas políticas de cidadania e inclusão social.

3. Luta de Classes e a Situação dos Idosos: A autora faz uma análise crítica das condições de vida dos idosos no contexto da luta de classes. Em um sistema capitalista, onde as condições de vida são definidas em grande parte pela posição no mercado de trabalho, os idosos da classe trabalhadora enfrentam desafios consideráveis em relação à aposentadoria, ao acesso à saúde, à habitação e ao bem-estar social. Teixeira destaca que, enquanto as elites mantêm seus privilégios e acesso a cuidados e recursos durante a velhice, os trabalhadores idosos são mais propensos a viver em condições de precariedade. Teixeira argumenta que o processo de envelhecimento é uma continuidade das desigualdades de classe, sendo que a condição de vulnerabilidade se intensifica à medida que a pessoa envelhece. Para a classe trabalhadora, a aposentadoria muitas vezes é insuficiente, e as políticas sociais não são capazes de garantir uma vida digna para todos. Nesse sentido, a luta de classes se manifesta também na forma como os idosos são tratados pelo Estado e pela sociedade em geral.

4. Críticas ao Neoliberalismo e a Política Social: A autora faz uma crítica ao impacto das políticas neoliberais sobre as condições de vida dos idosos. O neoliberalismo, que preconiza a redução da intervenção do Estado na vida social, promove a ideia de que o mercado é o melhor regulador das condições de vida. No caso dos idosos, isso implica na privatização dos serviços de saúde e assistência, na redução de direitos trabalhistas e em uma aposentadoria que não garante qualidade de vida. Teixeira destaca que essas políticas favorecem o empobrecimento dos

idosos e aprofundam as desigualdades entre as classes sociais. Em contrapartida, Teixeira sugere que o Estado deveria adotar uma postura mais inclusiva, que não apenas atenda às necessidades básicas dos idosos, mas que promova a autonomia, a cidadania e a participação social dessa população. Ela propõe que políticas públicas efetivas devem ser implementadas para garantir que os idosos possam viver com dignidade, saúde e qualidade de vida, independentemente de sua condição social e econômica.

5. O Trabalho e a Velhice: Teixeira também aborda a relação entre trabalho e velhice, destacando que o trabalho é um fator determinante nas condições de vida de um indivíduo, não apenas durante a vida ativa, mas também na velhice. A autora critica a visão capitalista que marginaliza os idosos e os exclui das oportunidades de emprego, muitas vezes obrigando-os a viver de benefícios sociais que não são suficientes para cobrir suas necessidades. Ela sugere que uma nova visão de trabalho deve ser incorporada, uma que valorize a experiência dos idosos e permita que eles participem de atividades que contribuam para o bem-estar da sociedade, sem serem forçados a trabalhar até a exaustão. Teixeira conclui que o envelhecimento é um fenômeno complexo, que exige uma abordagem multidimensional, levando em consideração a classe social, a condição econômica e a intervenção do Estado. Ela enfatiza que a velhice não deve ser vista apenas como um problema assistencial, mas como uma questão de direitos humanos e de justiça social. Para que o envelhecimento seja encarado de forma digna, é necessário um modelo de Estado social que garanta a inclusão dos idosos, com políticas públicas que assegurem seus direitos e promovam sua participação ativa na sociedade.

- **Relação das ideias da autora com as minhas próprias experiências:**

Durante minha vivência como bolsista no Laboratório Avançado de Educação Física e Saúde (LAEFS), pude observar de forma concreta muitos dos pontos que Solange Teixeira aborda em seus estudos. Foi no estágio que percebi as desigualdades que atingem a população idosa, especialmente aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade social. Muitos idosos atendidos pelo Hospital das Clínicas relatam que enfrentam sérias dificuldades no acesso aos serviços de saúde pública. Esse cenário evidencia as falhas nas políticas voltadas para essa população. As longas filas para consultas, a escassez de medicamentos gratuitos e a carência de apoio psicológico são queixas comuns entre eles. Essa realidade reforça as críticas de Teixeira sobre as barreiras que os idosos enfrentam,

muitas vezes sem condições financeiras para recorrer à saúde privada. Outro aspecto que observei foi a falta de opções de serviços de promoção de saúde e lazer para os idosos. Antes de iniciarem as atividades físicas no laboratório, muitos relatam não ter alternativas para melhorar a saúde e promover a socialização. Isso confirma a análise de Teixeira, que destaca a exclusão dos idosos das políticas públicas de inclusão, o que restringe sua participação ativa na sociedade. Também pude perceber de maneira clara como destaca a análise de Solange Teixeira as condições de vida dos idosos no contexto da luta de classes revelando as desigualdades agravadas pelo envelhecimento, especialmente para os trabalhadores. Ela destaca que, enquanto as elites garantem acesso a recursos e cuidados, os idosos da classe trabalhadora enfrentam sérias dificuldades, como aposentadorias insuficientes e falta de suporte social. Isso se reflete na realidade observada no Laboratório, onde muitos idosos, devido à insuficiência de suas aposentadorias, precisam continuar trabalhando. Muitos deles vão para o hospital direto do trabalho, chegam exaustos, após longos trajetos, e, após os exercícios, retornam rapidamente ao trabalho. Esse cenário evidencia a crítica de Teixeira sobre a marginalização dos idosos no sistema capitalista, que não oferece uma rede de proteção social adequada, tornando sua velhice marcada pela precariedade e exclusão. Por outro lado, o trabalho realizado no LAEFES mostra o potencial de transformação que ações voltadas à promoção de saúde e inclusão social têm na vida dos idosos. A prática de exercícios físicos, além de proporcionar benefícios para a saúde, favorece a interação social com outros idosos, estagiários e professores, o que fortalece a autoestima, saúde mental e o senso de pertencimento dos idosos. Esse processo de inclusão vai ao encontro da proposta de Teixeira sobre a gerontologia social crítica, que defende não apenas a compreensão, mas também a modificação das estruturas que perpetuam a exclusão social dos idosos.

- **Resumo do Capítulo 1: Ética e gerontologia: o significado filosófico do “massacre” neoliberal à pessoa idosa – Alexandra Mustafá.**

O artigo da professora Alexandra Mustafá analisa a velhice como algo influenciado pela classe social a qual a pessoa pertence, ao argumentar que as condições materiais influenciam diretamente o processo de envelhecimento de cada indivíduo. Por exemplo, indivíduos de classes sociais mais altas podem ter acesso a

melhores cuidados de saúde e condições de vida no geral, o que pode proporcionar um envelhecimento mais saudável e digno. Por outro lado, pessoas de classes sociais mais baixas podem enfrentar dificuldades materiais e falta de recursos, o que impacta negativamente sua qualidade de vida na velhice.

A autora enfatiza o fato de que as políticas neoliberais adotadas pelo governo brasileiro após as eleições de 2018 afetaram e continuam afetando negativamente a população idosa. Ela sugere que essas políticas colocaram em risco a dignidade dos idosos, comparando-as com um "massacre" contra essa faixa etária.

O texto começa com uma análise sobre como a velhice era vista durante a Antiguidade Clássica, e a partir daí, busca desenvolver uma reflexão sobre como essa percepção evoluiu ao longo do tempo, transformando-se em uma abordagem atual na qual os idosos são frequentemente negligenciados e maltratados. Com o passar do tempo, especialmente nas sociedades neoliberais modernas, o tratamento aos idosos se tornou cada vez mais negativo, com políticas e atitudes que não consideram a dignidade da pessoa idosa.

Além disso, Mustafá afirma que o ponto de vista de que a velhice feliz está relacionada à riqueza ou pobreza já era discutida por pensadores da Antiguidade, porém ressalta que essa questão só se torna plenamente compreendida com a teoria de Marx de que "a história da humanidade é a história da luta de classes". A velhice pobre, dentro dessa perspectiva, é entendida como uma expressão da questão social, pois se torna um reflexo da desigualdade social presente nas sociedades capitalistas. Por causa disso, a autora se baseia em teorias de Marx e Engels sobre o trabalho nas sociedades capitalistas para entender o impacto das políticas neoliberais, como a Reforma da Previdência e a constante privatização, na vida dos idosos.

O artigo busca ainda apresentar uma análise filosófica e ética das ideologias neoliberais que sustentam essas políticas, enfatizando que a vida não deve se resumir apenas ao trabalho, principalmente o trabalho no sistema capitalista, marcado pela exploração e opressão à classe trabalhadora. A verdadeira realização humana, segundo a visão marxista, está na busca pela felicidade individual e coletiva e na emancipação humana. O artigo destaca a diferença entre a realidade atual e a ideia de uma "boa vida", onde a convivência social e a realização humana são fundamentais, e defende que o ser humano, como ser social, não pode se afastar desses valores essenciais.

O texto aborda também a reflexão filosófica sobre a velhice, com base em filósofos clássicos gregos e romanos, como Platão, Aristóteles, Cícero e Epicuro.

Mustafá reflete sobre como as diferentes culturas e sistemas sociais abordaram a velhice, principalmente a partir da perspectiva da filosofia, da busca pelo conhecimento e da relação com o trabalho. Cícero, por exemplo, destacava a ideia de que a velhice pode ser feliz se a pessoa a encarar com sabedoria e introspecção. Ele aponta que a filosofia e o cultivo da sabedoria são essenciais para uma velhice plena, pois para ele, a filosofia é capaz de ajudar a superar as dificuldades naturais da vida, tornando a velhice uma fase de aprendizado e sabedoria, ao invés de um fardo.

Já Aristóteles via a velhice como uma fase de declínio natural, tanto físico quanto psicológico, marcando uma perda da vitalidade e da esperança que caracterizam a juventude. Em sua obra *Retórica*, ele descreve os idosos como desconfiados, temerosos e excessivamente prudentes, muitas vezes apegados ao passado e resistentes a mudanças, ressaltando que esse pessimismo decorre das decepções acumuladas ao longo da vida, tornando-os menos propensos a acreditar no futuro. Aristóteles sugere que essa amargura pode resultar em comportamentos egoístas e até injustos, como o apego excessivo a bens materiais ou a desconfiança em relação aos outros, tanto que ele destaca que o apego à riqueza fazia o homem se tornar egoísta, arrogante e mesquinho. No entanto, ele também reconhece que o caráter individual influencia essa experiência, e nem todos os idosos são necessariamente amargos ou irracionais. Para ele, o verdadeiro equilíbrio na velhice não depende do caráter e da forma como a pessoa lidou com os problemas em sua trajetória de vida.

A autora também cita a perspectiva de Platão acerca da velhice. Ele destacou, em sua obra *A República*, sobre a necessidade que as pessoas idosas tinham de conversar, principalmente com mais jovens e pessoas em geral que buscam a sabedoria, e explica que muitas vezes essa necessidade aparece devido ao excesso de trabalho durante a maior parte do tempo da vida das pessoas, que impede que elas dediquem tempo ao diálogo e a outros prazeres da vida, chegando muitas vezes a argumentar que o tempo inativo é considerado tempo "inútil". Além disso, o filósofo falava que para além dos bens materiais, o bom senso e o caráter de ânimo são qualidades essenciais para ter uma velhice feliz.

Ademais, o texto aborda a relação entre riqueza, pobreza e velhice, explorando as reflexões dos filósofos citados, além de outros pensadores como Simone de Beauvoir e autores que discutem o envelhecimento no contexto do capitalismo. Platão e Cícero reconheciam a diferença entre a velhice na riqueza e a velhice na pobreza,

mas enfatizavam que a atitude e caráter do indivíduo perante a vida é crucial para uma velhice feliz. Para eles, a pobreza e a riqueza são fatos dados, mas o caráter e a virtude são determinantes. Por outro lado, Aristóteles vai além, criticando o apego à riqueza e seu impacto negativo no comportamento humano, sugerindo que a riqueza pode corromper o caráter, tornando as pessoas mais egoístas e mesquinhas. Já a Simone de Beauvoir, em seu livro *A Velhice*, destaca a importância das condições materiais na experiência da velhice, argumentando que a luta de classes determina como as pessoas envelhecem. Ela afirma que há um abismo entre a velhice dos ricos e a dos pobres, sendo esta última marcada por privações e sofrimentos. Autoras como Paiva (2014) reforçam essa ideia da Simone, afirmando que a velhice é uma produção social influenciada pelo modo de produção capitalista, onde a saúde e o bem-estar dos idosos são expressões das desigualdades sociais.

Mustafá ainda ressalta que, historicamente, a longevidade foi um privilégio das classes ricas, enquanto os pobres raramente alcançavam idades avançadas. A visibilidade dos idosos pobres só ganhou destaque recentemente, com documentos da ONU e políticas sociais, como o Estatuto do Idoso no Brasil. No entanto, medidas neoliberais, como a Reforma da Previdência, têm exacerbado as dificuldades enfrentadas pelos idosos, especialmente os mais pobres, reforçando a depreciação social e a exclusão.

Em suma, o texto conclui que o envelhecimento é uma experiência profundamente influenciada pelas condições materiais e sociais. Enquanto a riqueza pode proporcionar uma velhice mais confortável, a pobreza vem acompanhada de desafios adicionais, tornando a velhice uma fase de privações e exclusão. A lógica capitalista, ao priorizar o lucro e a produtividade, marginaliza os idosos, especialmente os pobres, reforçando a necessidade de políticas que garantam dignidade e qualidade de vida para todos na velhice. Além disso, o trabalho, no sistema capitalista, é visto como uma atividade que domina, explora e aliena o indivíduo, transformando tanto o produto do trabalho quanto o próprio trabalhador em mercadorias com valor de troca, em vez de focar em atender às necessidades humanas reais (valor de uso). Essa dinâmica gera insatisfação e desumanização, fazendo com que as pessoas vejam a aposentadoria como uma "carta de alforria", um momento em que finalmente podem viver plenamente, dedicando-se a atividades como arte, filosofia, lazer e convivência. Por esses motivos, Mustafá argumenta que essa forma de viver, atualmente reservada à velhice, deveria ser uma possibilidade para toda a vida, e não apenas para quando as energias já estão praticamente

esgotadas após tantas décadas dedicadas ao trabalho. A crítica central é que o trabalho no capitalismo rouba o tempo de vida das pessoas, submetendo-as a uma rotina mecânica e desumana que não atende de fato as necessidades subjetivas e de realização. A autora argumenta que para superar isso, é necessário transformar a natureza do trabalho, resgatando sua concepção como atividade concreta, voltada para o atendimento das necessidades humanas.

Mustafá argumenta ainda que o crescimento da população idosa no Brasil e no mundo é frequentemente visto como uma ameaça ao crescimento econômico, com a preocupação de que a população contribuinte será menor e terá de arcar com os cuidados necessários para os idosos. No entanto, essa visão é uma ideologia baseada na crença de que a vida só tem valor quando voltada para o trabalho e para a produção de capital. A ideia de que a velhice deve ser vivida como um privilégio e um direito, com condições adequadas de cuidado, saúde e dignidade, é mais pertinente, como reconhecido em 2012, quando foi afirmado pela ONU que o aumento da longevidade é uma das maiores conquistas da humanidade. O envelhecimento em si nunca foi um problema, o problema é a falta de políticas adequadas para garantir uma vida digna na velhice. Esse problema surge quando as condições de vida, saúde, trabalho e acesso a serviços são inadequadas, refletindo as desigualdades sociais e econômicas. No contexto do neoliberalismo, as condições de trabalho estão cada vez mais precárias, e os idosos são frequentemente desvalorizados e marginalizados.

Por fim, o texto defende um novo princípio para guiar uma nova ordem social: "envelhecer é um privilégio, a longevidade é um direito". Isso implica garantir condições para que a velhice seja vivida com dignidade, superando a lógica capitalista que desvaloriza os idosos e transforma o trabalho em uma atividade alienante. A proposta é que, em uma sociedade mais justa, o trabalho seja associado às necessidades humanas, permitindo que as pessoas vivam de forma plena e criativa em todas as fases da vida, e não apenas na velhice.

Articulação das ideias das autoras – Simone de Beauvoir, Solange Teixeira e Alexandra Mustafá.

A articulação das ideias de Solange Teixeira, Simone de Beauvoir e Alexandra Mustafá converge para uma crítica profunda ao modo como a sociedade capitalista trata a velhice, destacando a exclusão, a marginalização e a desumanização dos idosos, especialmente os mais pobres. As três autoras enfatizam que o

envelhecimento não é apenas um processo biológico, mas também social, político e econômico, influenciado pelas condições materiais e pela estrutura de classes.

Simone de Beauvoir, em *A Velhice*, argumenta que a velhice é um fenômeno socialmente construído, marcado pela exclusão e invisibilidade. Ela critica a sociedade capitalista por valorizar a produtividade e marginalizar os idosos, que são vistos como um "peso" após a aposentadoria. Solange Teixeira, em *Envelhecimento e Trabalho no Tempo de Capital*, amplia essa crítica ao analisar a velhice como uma expressão da luta de classes. Ela destaca que a aposentadoria, em vez de ser um período de descanso e realização, muitas vezes se torna uma fase de vulnerabilidade e pobreza, especialmente para os idosos da classe trabalhadora. Teixeira critica o Estado neoliberal por reduzir sua responsabilidade social, deixando os idosos à mercê de políticas assistenciais insuficientes. Alexandra Mustafá, em *Ética e Gerontologia: O Significado Filosófico do "Massacre" Neoliberal à Pessoa Idosa*, complementa essa análise ao discutir o impacto das políticas neoliberais, como a Reforma da Previdência, sobre a população idosa. Ela argumenta que essas políticas agravam a exclusão e a pobreza dos idosos, especialmente os mais vulneráveis. A autora enfatiza que, no capitalismo, o trabalho alienado rouba o tempo de vida das pessoas, transformando a aposentadoria em uma "carta de alforria" para finalmente viver plenamente. A articulação entre as três autoras revela uma crítica comum ao capitalismo e ao neoliberalismo, que marginalizam os idosos e priorizam a produtividade em detrimento da dignidade humana. Elas destacam que a velhice é uma fase profundamente influenciada pelas desigualdades sociais, com os idosos pobres enfrentando condições precárias e exclusão. Ao mesmo tempo, defendem a necessidade de políticas públicas inclusivas e de uma transformação estrutural que garanta a todos os idosos o direito a uma vida digna, com acesso à saúde, moradia, lazer e participação social.

• REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MUSTAFÁ, Maria Alexandra da Silva Monteiro. **Serviço Social e gerontologia: a**

proteção da pessoa idosa em tempos de pandemia [recurso eletrônico]. Ed. UFPE, Recife, 2020.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.